

A MULTITEMPORAL VILA ITORORÓ

THE MULTITEMPORAL VILA ITORORÓ

Eduardo Oliveira Soares¹

Resumo

A Vila Itororó foi inaugurada em 1922 e está localizada na cidade de São Paulo. O conjunto arquitetônico inicialmente era formado por um palacete, casas de aluguel e uma piscina. Desde 2013 abriga um Centro Cultural. A configuração arquitetônica atual revela a variedade de usos e de públicos ao longo do tempo; as mudanças urbanas da cidade e do bairro; as oscilações entre os perfis dos moradores; e as abordagens sobre como lidar com o patrimônio das cidades. Esses fatores ajudaram a forjar, ao longo de um século, um conjunto arquitetônico que mescla edificações já restauradas, obras em andamento e estruturas aparentemente abandonadas. O artigo apresenta uma narrativa textual e fotográfica a partir de uma visita realizada em 2022, registrando atributos e percepções de um patrimônio marcado pela atuação do tempo.

Palavras-chave: arquitetura do abandono, narrativa fotográfica, narrativa textual, patrimônio cultural, Vila Itororó.

Abstract

Vila Itororó was inaugurated in 1922 and is located in the city of São Paulo. The architectural ensemble initially consisted of a mansion, rental houses and a swimming pool. Since 2013 it houses a Cultural Center. The current architectural configuration reveals the variety of uses and audiences over time; the urban changes of the city and the neighborhood; the oscillations between the profiles of the residents; and approaches on how to deal with the heritage of cities. These factors helped to forge, over a century, an architectural ensemble that mixes buildings already restored, works in progress and apparently abandoned structures. The article presents a textual and photographic narrative based on a visit carried out in 2022, in order to record attributes and perceptions of a heritage marked by the performance of time.

Keywords: architecture of abandonment, photographic narrative, textual narrative, cultural heritage, Vila Itororó.

¹ Doutor em Arquitetura e Urbanismo (2021), mestre em Arquitetura e Urbanismo (2013) e especialista em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística (2009) pela Universidade de Brasília/UnB. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (1995). É servidor da UnB. Admirador, criador e pesquisador de narrativas.

A Vila

Na cidade de São Paulo, no bairro Bela Vista, nas cercanias de onde – sob a superfície – transita o metrô, e de onde corria o agora canalizado Córrego Itororó, há um terreno em declive. Com acesso por três ruas, nele foi inaugurado há um século, em 1922, um curioso conjunto arquitetônico: a Vila Itororó (Figura 1). O conjunto era formado pela casa do empreiteiro e comerciante português Francisco de Castro – o idealizador da construção –, por casas de aluguel e por uma piscina que, por algum tempo, integrou o Clube Éden-Liberdade.

Desde 2013, ano que marca a retirada dos últimos moradores, o terreno de cerca de 5.000 m² (CASTRO; FELDMAN, 2017, p.6) abriga o Centro Cultural Vila Itororó, mantido pela Prefeitura de São Paulo. A configuração arquitetônica atual revela um pouco da variedade de usos e de públicos ao longo do tempo; das mudanças urbanas da cidade e do bairro; das oscilações entre os perfis dos moradores; e das abordagens sobre como lidar com o patrimônio das cidades. Esses fatores ajudaram a forjar, ao longo de um século, um conjunto arquitetônico que mescla edificações já restauradas, obras em andamento e estruturas aparentemente abandonadas. Um conjunto que contrasta com o entorno e instiga os visitantes a tentar entender os motivos da sua configuração e do seu estado atual de conservação.

A visita a esse espaço motivou a elaboração desse texto no qual, por meio da revisão da bibliografia sobre a Vila Itororó, da observação dos seus espaços e da realização de uma narrativa textual e fotográfica, foram registradas peculiaridades desse curioso e centenário espaço. Narrar os espaços por meio de textos e de fotografias é uma maneira de, minimamente, inseri-los na historiografia e na memória da sociedade. É uma abordagem afim à área da arquitetura, do urbanismo e do patrimônio que visa criar um ensaio sobre o efeito do tempo nas cidades. Afinal, “pedras, concreto, vidro, aço, arquitetura, palavras, textos e imagens não apenas carregam memórias, as narram” (MEDEIROS, 2017). Narrar para os outros e para si é um exercício de melhor entender as experiências vividas e de melhor decodificar um espaço arquitetônico que tem em si marcas de abandono e de preservação cunhadas durante décadas.

A narrativa sobre a Vila procurou resgatar fragmentos da história, conceito aparentemente pertencente ao passado, mas que é permanentemente redefinido a partir do tempo atual. Essa narrativa também apresenta as percepções sobre o presente, mais especificamente, as de uma visita ao Centro Cultural realizada no ano de 2022. A vivência e os registros textuais e iconográficos auxiliam na construção de uma memória sobre o que foi experimentado.

Os conceitos de história e memória estão imbricados. Como define Pierre Nora (1993, p.9), “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; (...)”. Visitar a Vila Itororó é deparar-se com muitas histórias e memórias, recortes de vários tempos. “Abordar o tempo a partir da sociedade e de suas narrativas, incluindo as fotográficas, é considerar aspectos de sucessão – passado, presente e futuro –, de ciclos, de convenções sociais, de vontades terrenas e de desígnios do sobrenatural” (SOARES, 2021, p.46).

Ana Castro e Sarah Feldman (2017) sintetizaram a cronologia da Vila. A construção teve início em 1912 e se estendeu até 1932, sendo a inauguração em 1922. Ações sobre a sua preservação iniciaram-se nos anos 1970, suscitando a especulação sobre diferentes abordagens nas intervenções. Data de 2002 o tombamento municipal e de 2005 o estadual. Apesar de estudos que previam a continuidade do uso da Vila como residencial, de acordo com o que foi primariamente concebido, os últimos moradores



foram retirados em 2015. Atualmente, a Vila Itororó é um Centro Cultural gerenciado pela Prefeitura que, por meio do *Projeto Canteiro Aberto*, procura apresentar, discutir e definir em conjunto com a sociedade as possibilidades de restauração e de uso dos espaços.

A inscrição da Vila Itororó no Livro do Tombo por parte do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CON-DEPHAAT) destacou o “caráter singular, pitoresco e onírico (...); a criatividade na composição arquitetônica resultado de uma colagem de elementos decorativos provenientes, em sua grande maioria, do antigo Teatro São José (...); o pioneirismo na introdução de uma piscina em propriedade particular” (SÃO PAULO, 2005, p.29). Quando a sociedade formaliza o tombamento significa que reconheceu o valor daquele bem para a geração atual e que também o considera relevante para as futuras gerações.

Para quem, como eu, não é morador da cidade de São Paulo, visitar o Centro Cultural é um programa que requer especial atenção, pois não será repetido tão cedo. Em poucas horas deve-se descobrir o que o local tem de relevante.

Algumas horas

A atual entrada do Centro Cultural Vila Itororó se dá pelo que parece ser, originalmente, os fundos do conjunto (Figura 1). Ao final de uma rua sem saída, em uma pequena ladeira, os visitantes adentram, por uma via interna ladeada por edifícios já restaurados – que abrigam entidades como o Centro de Referência de Promoção da Igualdade Racial –, cômodos que parecem espaços para exposições; instalações utilizadas por funcionários e visitantes; uma construção sem utilização aparentemente em ruínas (Figura 2). Uma edificação do tipo *casa de fundos* atualmente é uma lanchonete. Ao adentrar o terreno, há um percurso com um muro de tijolos à vista (Figura 03) que resguarda a antiga piscina pública do Clube Éden-Liberdade. Não há água na piscina atualmente. O clube “teria funcionado desde ao menos a década de 1940 (...) até ao menos a década de 1980” (BARDOUR, 2017, p.28). Existe, ainda, um conjunto de casas em ruínas em uma espécie de elevação que forma um mirante para o palacete (Figuras 4-5).

Os centros culturais localizados em imóveis históricos comumente apresentam em sua arquitetura um didático contraste entre as partes antigas – restauradas –, e as

partes ou elementos novos, como se cada uma compusesse uma camada histórica. Na Vila Itororó, porém, as camadas do tempo são múltiplas e estão embaralhadas, reelaboradas, sobrepostas. Um palimpsesto tridimensional. A intenção arquitetônica inicial não pode ser facilmente imaginada.

O palacete eclético de quatro andares, que ainda hoje domina a paisagem, era circundado por cerca de quatro dezenas de casas. É a ocupação de quartos no palacete e a essas pequenas casas por parte de uma população de poucos recursos materiais que se deve a permanência ou, pelo menos, a não demolição do conjunto. Com o tombamento, definiu-se o uso da Vila como equipamento cultural. Houve mobilização dos moradores em prol da permanência nesse local, que acolhia muitas famílias e que propiciava uma peculiar sociabilidade devido às suas características urbanas únicas. Porém “(...) essa não era uma demanda uníssona, tendo em vista a heterogeneidade das condições de habitabilidade das construções da Vila Itororó, havendo quem morasse em casas com boa infraestrutura, até quem morasse em buracos improvisados nas paredes” (BARDOUR, 2017, p.219). Os moradores lutaram pela permanência, mas acabaram perdendo e foram transferidos para outros imóveis (CASTRO; FELDMAN, 2017, p.16-17). Atualmente, as ruínas das precárias moradias das pessoas que foram despejadas ironicamente ou sarcasticamente ostentam cênico letreiro de *Saudosa Maloca* (Figura 4). Transformaram-se em um cenário para fotografias e *selfies*.

As escadarias das *malocas* formam uma espécie de mirante e as escadas que constituíam a entrada do palacete – e que atualmente estão interditadas –, lembram um intrincado cenário (Figura 06) criado pelo artista Maurits Cornelis Escher. Ao desviar o olhar, é possível encontrar tanto um trecho restaurado quanto espaços em precários estados de conservação. Cada parte das edificações gera a vontade de dar um passo além das barreiras que limitam a circulação dos visitantes para que se possa olhar o precário interior das antigas habitações (Figura 07). Assim, talvez, se conseguisse vislumbrar o passado pelas frestas das ruínas atuais.

Uma rua interna em uma ladeira (Figura 08) desperta a curiosidade sobre o sentido de sua existência. Quais seriam os limites do terreno? A alguns passos dali, em frente ao grande buraco daquilo que já foi uma agitada piscina, há bancas de uma feirinha provisória de produtos diversos. E, também, uma lanchonete – aquela citada no início do texto – com criativa decoração em um espaço cuja destinação inicial não é perceptível.

Cada elemento do extenso terreno colabora para a complexidade de um espaço que foi construído com algumas partes singulares. “É o espírito barroco que ali predomina” (BRUAND, 2010, p.41). A composição é uma espécie de enigma sobre o tempo e a arquitetura (Figura 09), um convite à interpretação sobre o porquê da sua existência e do seu estado de conservação atual.

Viajar é expor-se a paisagens diferentes, algumas delas tão singulares que despertam o interesse na realização de uma pesquisa mais detalhada para que melhor se compreenda o que foi vivenciado. “Os relatos de viagens – orais, textuais ou iconográficos – apresentam-se como um modo de assimilação, triagem, reelaboração e disseminação das experiências vividas” (SOARES, 2019, p.3).

A Vila Itororó é um local que instiga muitas perguntas que, obviamente, não são respondidas durante a visita. Como as edificações resistem há tanto tempo, aparentemente sem a conservação adequada? Como ainda não desabaram por completo? Qual o motivo de terem sido vítimas de tanto abandono?

A “permanência das formas do traçado urbano e das edificações (...), fazem da materialidade dos núcleos urbanos um suporte da memória, recorte preciso com

contornos apreensíveis, capaz de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas passam ou nelas moram” (BRESCIANI, 2007, p.238). Assim como os percursos das já citadas *escadas do Escher*, as possibilidades de abordagens sobre a história e a memória do espaço e dos usos da Vila Itororó são muitas. Dentre tantos elementos, um, em especial, chama mais atenção: a presença das cariátides (Figura 10).

O registro por meio de textos ou imagens permite que se crie narrativas que podem tanto apresentar as experiências vividas quanto alicerçar a reflexão sobre elas. Os textos complementam o que só pode ser registrado por imagens. As fotografias explicitam as descrições realizadas por meio das palavras.

Algumas imagens

Uma fotografia ou um conjunto delas pode constituir uma narrativa sobre o tema fotografado. Não se trata apenas de ilustrar um texto, mas de apresentar, de forma distinta, algo de uma natureza diversa das palavras. Afinal, “o que não é visível num plano, verifica-se no outro, de maneira que cada domínio de saber fornece uma chave de entrada ao objeto” (PESAVENTO, 2002, p. 391). Em conjunto com a narração textual da visita ao Centro Cultural, pode-se observar nas imagens vários aspectos da Vila.

Nas fotografias fica aparente o abandono de uma casa logo à entrada (Figura 02), bem como o recorte no muro que enquadra a imagem de escultura incrustada em uma parede da Vila (Figura 03). Esse foi um artifício utilizado para valorizar mais ainda essa *máscara* que é uma referência iconográfica do local.

Há imagens que capturam as várias camadas do tempo e das condições de conservação (Figura 04). Percebem-se, lado a lado, edifícios conservados e em ruínas; antigas moradias e uma construção aparentemente industrial; e, ainda, o contraste entre o Conjunto Cultural e o entorno. Escadas, janelas, colunas, bancos, passarelas (Figura 05) formam um quebra-cabeça arquitetônico em um terreno onde a topografia também é protagonista (Figura 6).

O tempo é outro protagonista, afinal, foi ele que ajudou a desgastar a alvenaria e a nutrir a vegetação (Figura 7). Olhando atentamente as imagens, notam-se peculiaridades construtivas, como o vão em arco que foi fechado e acabou por tornar-se mais um elemento de destaque na parede (Figura 08). Ou, ainda, a diferença de conservação entre os dois edifícios que ladeiam o palacete (Figura 9). “A visualização de diferentes miradas de um local ou tema instiga o observador das fotografias a ir completando as informações necessárias para assimilar minimamente as imagens apresentadas. Com isso, pode-se desvendar – ou criar – uma narrativa fotográfica” (SOARES, 2021, p.157). Cada imagem apresenta informações registradas e selecionadas por quem as fotografou. Cabe ao observador tentar reconectá-las, descobrindo nos detalhes peculiaridades que revelem parte da essência da Vila Itororó.

Na abundância de elementos visuais há de se destacar as cariátides, cujas imagens evocam estabilidade e permanência ao longo do tempo, em um cenário marcado pela ruína (Figura 10). A narrativa fotográfica de parte da cidade constitui um “álbum de vistas urbanas, ao reunir esses fragmentos segundo uma ordenação lógica concebida pelo seu autor, funciona, assim, como coleção desses restos da cidade, elaborada para permanecer como memória de um tempo preciso que lançou sua marca no espaço ali presente em imagem” (POSSAMAI, 2007, p.3). A narrativa fotográfica traz para a contemporaneidade imagens que sempre são do passado – do tempo da captura fotográfica.



Figura 2 - Vila Itororó: fragmentos do abandono. Fonte: Autor do texto, 2022. Figura 3 - Vila Itororó: o muro e a máscara, referência iconográfica do local. Fonte: Autor do texto, 2022. Figura 4 - Vila Itororó: camadas da arquitetura e do tempo. Fonte: Autor do texto, 2022.

Figura 5 - Vila Iitororó: palacete. Fonte: Autor do texto, 2022. Figura 6 - Vila Iitororó: escadas. Fonte: Autor do texto, 2022. Figura 7 - Vila Iitororó: a construção e a vegetação. Fonte: Autor do texto, 2022.



Figura 8 - Vila Iitororó: fachadas desgastadas. Fonte: Autor do texto, 2022. Figura 9 - Vila Iitororó: o palacete e o entorno do bairro. Fonte: Autor do texto, 2022. Figura 10 - Vila Iitororó: a abundância de elementos visuais. Fonte: Autor do texto, 2022.

Mais de um século

Na Vila Itororó há elementos que são de um período anterior à sua própria construção. Como afirma Paul Veyne (1998, p.18), “como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos”. Então vale a pena resgatar um pouco da longa história de alguns elementos que integram a Vila Itororó.

O palacete burguês foi erguido em conjunto com casas destinadas a serem alugadas. Na construção, há elementos do Theatro São José. Essas peças fazem com que a construção evoque uma cronologia ainda mais antiga: a de dois teatros já desaparecidos.

O primeiro Theatro São José (aos fundos da Catedral da Sé) teve a construção finalizada em 1877 (RIBEIRO NETO, 1969, pp.73-74). Em 1898, o edifício ardeu em chamas (RIBEIRO NETO, 1969, pp.77). Um novo Theatro São José foi então construído em um terreno localizado ao lado do Viaduto do Chá. Essa espécie de reencarnação do teatro incendiado anteriormente foi projetada por Carlos Ekman. A inauguração ocorreu em 1909, porém, em 1911, o Theatro Municipal de São Paulo, localizado nas proximidades, foi inaugurado. Por ser mais sofisticado, o Municipal acabou absorvendo as atividades do Theatro São José. “Um novo incêndio destruiu parte de suas instalações e após esse incidente suas portas não voltariam a se abrir. Sua localização privilegiadíssima despertou o interesse da Companhia Light, que adquiriu o imóvel para ali construir sua nova sede. O teatro foi demolido em 1925” (HEREÑÚ, 2007, p.69). Alguns elementos da demolição – incluindo as cariátides (Figuras 08-09) – desse segundo teatro São José foram incorporados à construção do conjunto que viria a ser conhecido como a Vila Itororó.

Uma leitura possível sobre as cariátides, essas deusas que suportam o peso das construções, é que “(...) são figuras de visibilidade secundária, nunca protagonistas ou revolucionárias. Como corpos silenciosos, estão colocadas pela Arte em mansas travessias. Seus gestos se submetem ao peso e à resignação que carregam” (FLECK, 2022, p.13). Mas no teatral espaço da Vila Itororó, incrustadas nas paredes, elas são protagonistas, sendo utilizadas como referência iconográfica do conjunto arquitetônico.

Além disso, aparentemente, as cariátides do teatro que foi demolido mantiveram o espírito inovador e transgressor das artes cênicas, contaminando a arquitetura e os usos da Vila. O cênico conjunto tem referências que desnorream os seus visitantes e que podem ser abordadas dos modos mais diversos e criativos. “O tempo segmentado enquanto passado, presente e futuro apresenta-se como lastro de memórias, vivências e expectativas, muitas vezes imbricadas e sujeitas a mudanças” (SOARES, 2021, p.44). Como a história e memória podem ser revisitadas, a criação de novas narrativas a respeito dos espaços amplia e traz para o tempo atual os debates sobre a cidade. Afinal, a história e a memória são pesquisadas, problematizadas e narradas a partir do presente.

A Vila é fruto de uma época em que era possível forjar a arquitetura utilizando um “(...) ecletismo desordenado: a fantasia andava à solta e o exótico, o inesperado, o bizarro, tornaram-se moda. É curioso notar que, pelo menos num caso, o vocábulo clássico foi utilizado com esse espírito e chegou-se a um resultado um tanto surpreendente” (BRUAND, 2010, p.41). Evidentemente, Bruand se refere à Vila Itororó que, sem dúvida, surpreende.

Os textos sobre a Vila comumente são repletos de descrições e adjetivos. No já citado artigo de Ana Castro e Sarah Feldman, há registros e menções a outros autores sobre características do bairro, do terreno, da ocupação, do conjunto arquitetônico e dos detalhes da construção: pitoresco, belo, histórico, de excepcional valor, bizarro, popular, pobre, com acréscimos espúrios, deteriorado, descaracterizado, magnífico, singular, *sui generis*, espontâneo, simpático, complexo, onírico (CASTRO; FELDMAN, 2017). A multitemporal Vila Itororó é um pouco de tudo isso.

As novas narrativas a seu respeito podem destacar diferentes aspectos, uma vez que há diversos modos de narrar espaços tão curiosos como os da Vila Itororó. “O importante é lembrar que narrativas textuais e iconográficas utilizadas em conjunto se complementam. E que a narrativa apresentada é sempre uma versão, dentre muitas possíveis” (SOARES, 2019, p.17). A Vila é um enigma a respeito dos modos de construir, ocupar, abandonar, preservar e manter um conjunto arquitetônico em meio à dinâmica social e econômica de uma cidade.

Tempo atual

Como nem todos os enigmas são passíveis de solução, os pormenores e nuances da trajetória da Vila Itororó não podem ser totalmente compreendidos em uma rápida visita. Por outro lado, uma pequena narrativa textual e fotográfica registra percepções desse *canteiro aberto*. Talvez outros visitantes tenham tido percepções semelhantes e se identifiquem com as narrativas.

Na trajetória do conjunto arquitetônico há momentos de uso como residência burguesa; casa de aluguel para a população de baixa renda; ocupação assemelhada a um cortiço; pioneiro clube com piscina pública na cidade; espaço cultural; cenário para *shows*; local de oferta de serviços para a população. Pairando sobre tudo isso, no mundo das impressões e significados, a Vila evoca o uso de elementos construtivos de outro edifício. Não um edifício qualquer, mas de um teatro vítima de um incêndio. Algo bem dramático. Tanto quanto os debates a nível de estado sobre como e o quê preservar.

O ciclo de valorização e abandono que permite que muito do patrimônio das cidades se mantenha a salvo da especulação imobiliária parece ter deixado histórias e memórias fortemente marcadas nas paredes, esquadrias, escadas, cobertura, piscina e esculturas que constituem a Vila. Não é um local abandonado, mas um conjunto que, na sua matéria, registra tanto o abandono quanto a resistência em se manter no escorregadio tempo presente. Faça o que tem conseguido há um século.

Registrar impressões sobre esse local que remete a tantas temporalidades é colaborar minimamente no exercício de assinalar atributos e percepções sobre o patrimônio. A Vila Itororó é um curioso caso sobre como a sociedade reinventa os espaços da cidade. Sabe-se lá no que ela ainda pode se transformar.

Referências

- BARDOUR, Vivian Moreno. *O patrimônio existe? Os sentidos da Vila Itooró*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, FAU USP, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-14122017-112827/pt-br.php#:~:text=A%20disputa%20em%20torno%20da,final%20e%20ao%20seu%20uso>. Acesso em: 18 out 2022.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. História e Historiografia das cidades, um percurso. In FREITAS, Marcos Cezar de (Org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CASTRO, Ana; FELDMAN, Sarah. Desafios da Vila Itooró: história e memória da metrópole paulistana. In: *XVII Encontro Nacional da ANPUR, 2017, São Paulo. Desenvolvimento, crise e resistência: Quais os caminhos do Planejamento Urbano e Regional?* São Paulo: ANPUR-FAUUSP-IAUUSP-UFABC, 2017. v. 01. p. 01-21. Disponível em: http://xviienanpur.anpur.org.br/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%207/ST%207.4/ST%207.4-01.pdf. Acesso em: 18 out 2022.
- FLECK, Débora Balzan. Atlas da submissão do feminino: o corpo-cariátide. ARJ – Art Research Journal: *Revista de Pesquisa em Artes*. V. 9 n. 1 (2022): Dossiê Warburg: contribuições ao Simpósio Internacional Warburg 2019, Buenos Aires, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/29664>. Acesso em: 18 out 2022.
- HEREÑÚ, Pablo Emilio Robert. *Sentidos do Anhangabaú*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, FAU USP, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-17052010-145047/pt-br.php>. Acesso em: 18 out 2022.
- MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. A Língua que habitamos. *IV Seminário Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa - Belo Horizonte - Inhotim*. Belo Horizonte: AEAULP, 2017.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP*, dez. de 1993, n. 10 ed.: pp. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 18 out 2022.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: URGs, 2002.
- POSSAMAI, Zita Rosane. Narrativas fotográficas sobre a cidade. *Revista Brasileira de História*, jan.-jun. de 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/z6sbRJsW5F7xvmCzR9D9cFk/?lang=pt>. Acesso em: 18 out 2022.
- RIBEIRO NETO, Oliveira. Os primeiros teatros de São Paulo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, IEB. USP, São Paulo. 1969. n. 7, pp. 63-78. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69602>. Acesso em: 18 out 2022.

SÃO PAULO. Resolução SC - 9, de 10-3-2005, de 20 de abril de 2005. Diário Oficial Poder Executivo - Seção I. São Paulo, 115 (74), p.29. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/Vila-Itoor%C3%B3-res.pdf>. Acesso em: 18 out 2022.

SOARES, Eduardo Oliveira. Narrativas sobre o Recôncavo: entre Cachoeira e São Félix, entre palavras e fotografias, v. 1, In JORGE, Luís Antonio. *Espaços Narrados: as línguas na construção dos territórios ibero-americanos*. São Paulo: FAU/USP, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/39601980/Narrativas_sobre_o_Rec%C3%B4ncavo_entre_Cachoeira_e_S%C3%A3o_F%C3%A9lix_entre_palavras_e_fotografias. Acesso em: 18 out 2022.

SOARES, Eduardo Oliveira. *Tempos e territórios transluzidos: narrativas fotográficas instantâneas nas redes sociais sobre o Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, FAU UnB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41342>. Acesso em: 18 out 2022.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.